

ENTRE A PROSA E A POESIA:  
A COMPLEXIDADE DA REDAÇÃO DA NOITE ESCURA,  
DE JOÃO DA CRUZ

BETWEEN PROSE AND POETRY:  
THE COMPLEXITY OF THE DARK NIGHT OF THE SOUL WRITING'S  
FROM JOHN OF THE CROSS

**Marcelo Martins Barreira**  
Doutor em Filosofia UFES  
marcelobarreira@ymail.com

**Resumo:** As oito estrofes da poesia, copiadas no início dos respectivos comentários, espelham um clima de exaltação lírica e reflexão poética sobre a *noite escura* de nove meses em que nosso autor esteve preso até o seu *sair* (Noite Escura – Prólogo). Os comentários *Subida do Monte Carmelo* e *Noite Escura* exploram conceitualmente o rico simbolismo dessa poesia. A poesia, porém, goza de uma exclusiva força de comunicação por refletir diretamente a experiência vivida, superior à dos conceitos; ademais, o recurso didático das alegorias empregado nos comentários isolou e reduziu ainda mais o valor dos símbolos poéticos. A fim de diminuir a distância entre o tratado teológico-ascético e o conteúdo simbólico dos versos, João da Cruz empreende o verdadeiro comentário à poesia na obra *Noite Escura*.

**Palavras-chave:** *Noite Escura*, João da Cruz, Poesia, Comentário.

**Abstract:** The eight stanzas of this poem, copied in the beginning of their respective comments, reflect a climate of lyrical exaltation and poetic reflection on the *dark night*, those nine months during which our author was confined until his ultimate *exit* (*Dark Night* prologue). His two comments, *Ascent of Mount Carmel* and *The Dark Night of the Soul*, conceptually explore the rich symbolism of the poem, which, nevertheless, has its own communication strength, because it can directly reflect lived experience, as superior to concept's experience; moreover, the didactic use of allegory in the comments further isolated and reduced the value of poetic symbols. Thus, to narrow the distance between the ascetic-theological treatise and the symbolic content of the verses, John of the Cross wrote the actual commentary about the poem in his book *Dark Night of the Soul*.

**Keywords:** *Dark Night*, John of the Cross, Poem, Comment.

**M**anuel de Santa María e Andrés de la Encarnación receberam, em 1754, do Definitório Geral da Ordem Carmelita Descalça a missão de recolher cópias e de documentar tudo quanto fosse concernente à vida e à obra dos reformadores do Carmelo. Andrés de la E. ocupou-se do Arquivo Geral da Ordem fazendo viagens pela Mancha e Andaluzia (1757-1759). Por meio de correspondências, enriqueceu os anais da Cúria Generalícia, colhendo abundante material com o fito de fazer a edição crítica das obras de João da Cruz; diferentemente do outro pesquisador, que ficou restrito à obra de Teresa de Jesus – conforme nos relata o editor Lucinio Ruano na introdução das *Obras Completas*, de San Juan de la Cruz (Cf. JUAN DE LA CRUZ, 1982, p. XLI, n. 1).

Existem 24 códices da *Noite Escura*. Essa obra não compete em garantias de crítica externa diante do apógrafo da *Subida do Monte Carmelo*. Todavia, Andrés de la E., que o selecionou, deixou notas marginais e números que facilitaram a crítica interna das futuras edições. Ademais, Lucinio Ruano, editor da BAC, avalia que os manuscritos da *Noite* – melhor que nas demais obras – são fiéis a um único manuscrito original, deixando patentes as variantes passíveis de atribuição aos copistas (Cf. JUAN DE LA CRUZ, 1982, p. 320, n. 1). Andrés de la Encarnación e outros editores julgaram o Ms. 3446 da Biblioteca Nacional (Cf. *Ibid.*, p. 85) a mais completa e autorizada cópia, não obstante seus erros ortográficos – *serca, serviz, asechador, cencillo, meresca, intención* etc. – manifestarem seu caráter de ditado com alguma improvisação (Cf. *Ibid.*, p. 358, n. 1) e bastante descuido, havendo omissões e mistura de reflexões pessoais com o texto original, com espaços em branco que facilitaram a multiplicidade de variantes. Tal manuscrito provém das monjas carmelitas de Sevilla, daí chamar-se *Hispalense* ou *H* (Cf. *Ibid.*, p. 86).

Andrés de la E. defende acaloradamente a divisão da *Noite* não por capítulos, mas por estrofes e versos. Os manuscritos oferecem a numeração de poucos parágrafos no início do livro, ainda assim, sem que haja uniformidade; depois, copia-se o texto em contínuo, sem divisão. Logo, leem-se os códices sem epígrafes e divisão em quase duas terças partes da *Noite*, numa leitura longa e confusa segundo o editor da BAC. Com efeito, a enorme desproporção entre os versos e seus comentários não torna nem prático nem agradável seguir a proposta acima de Andrés de la E. (Cf. *Ibid.*, p. 385, n. 15). Na *Edição*

*príncipe*, constam algumas epígrafes e divisões que não foram efetuadas por João da Cruz e sim por Diego de Jesús, que dividiu e subdividiu todas as obras, excluindo-se o *Cântico Espiritual*, segundo o estudo de Amunarriz (Cf. AMUNARRIZ 1991, p. 64, n. 15), divisão que foi reproduzida, a partir de então, nas futuras edições.

Os dados históricos e os testemunhos não definem o lugar e a data de composição do poema *Noite Escura* (Cf. RUIZ SALVADOR, 1968, pp. 190-194). É verossímil que sua composição tenha sido no convento do Calvário, de Granada, seja após a prisão, no verão de 1578, seja nos dias que sucederam à fuga desta por João da Cruz. Entretanto, o comentário ao poema foi escrito provavelmente nesse convento durante os últimos meses de 1585 e os primeiros de 1586, até bruscamente interrompê-lo (Cf. AMUNARRIZ, 1991, p. 61, n. 10).<sup>1</sup>

Dois testemunhos ratificariam o local e a data mencionados anteriormente. Inocência de San Andrés, colaborador e confrade de João da Cruz, certifica que este, *a pedido seu*, escreveu em Granada o livro que começa com *Numa noite escura* (CRISÓGONO, 1982, p. 294, n. 12).<sup>2</sup> A direção espiritual, os cargos de governo e suas respectivas viagens seriam, ao que aludia Juan Evangelista no seguinte trecho de uma carta: “A *Subida do Monte Carmelo* e *Noite Escura* escreveu aqui nesta casa de Granada pouco a pouco e não o continuou a não ser por meio de muitas paradas” (JUAN DE LA CRUZ, 1982, p. 82, n. 8 e 9).

Importa esclarecer a configuração redacional da *Noite* para que melhor se compreenda a inovação de nosso autor em sua abordagem do itinerário da alma a caminho de sua comunhão com Deus. Configuração facilmente estabelecida ao se rastrear a relação do poema com seus comentários e a destes entre si.

1 Em mesma data e estrofe, sustou-se a redação da *Subida*; em 1584, João da Cruz terminou a primeira redação do *Cântico Espiritual*, a primeira de suas obras maiores que leva a termo. Caberia observar as principais siglas e abreviaturas usualmente empregadas para as obras joãoocrucianas citadas neste artigo: S = *Subida do Monte Carmelo*; N = *Noite Escura*, sendo que o número que precede a sigla indica o livro correspondente, por exemplo, 2S, 2N; em complemento, o capítulo e o parágrafo. Ainda pode constar: pról = prólogo e arg = argumento. Além das duas obras mencionadas anteriormente, há também ChB = *Chama Viva de Amor*, segunda redação ou versão B, onde os algarismos indicam a estrofe e o parágrafo.

2 Esta citação poderia ser aplicada à *Subida*, no entanto, em seu prólogo (S pról, 9) nosso autor diz tê-la escrito para alguns carmelitas, “frades e monjas”. Seja como for, o comentário destina-se fundamentalmente aos iniciantes na vida espiritual, que percebem sua experiência difusamente (Cf. MOREL, 1960, v. I, p. 215).

A vinculação do poema com seus comentários, em princípio, é simples e fácil (Cf. MACHNIAK, 1990, p. 19). O denso simbolismo presente nas poesias contribuiu para sua incompreensão pelos leitores, os confrades de João da Cruz; logo, a pedido destes, houve os comentários.

As oito estrofes (ou canções) da poesia, copiadas no início dos respectivos comentários, servem de ponto de partida. Elas espelham um clima de cálida exaltação lírica e reflexão poética sobre a *noite escura* de nove meses em que esteve preso até o crepuscular *sair* (Noite Escura – Prólogo).

O poema *Noite Escura* recorre à expressão “ditosa ventura” para indicar o processo espiritual percorrido pela alma até sua divina união. Nas quatro primeiras estrofes, é refeito o processo pela noite escura da fé, na quinta, revive-se a união e, nas três últimas, o desdobramento dela. Ora, há enorme desproporção entre aqueles versos não comentados e os poucos das três primeiras estrofes, abordados na *Subida* e na *Noite*, cada uma em próprio plano e perspectiva.

A obra denominada pelos manuscritos de *Subida do Monte Carmelo*, em seu plano, trata da poesia em três livros: no primeiro, 15 capítulos tratam da primeira estrofe; no segundo e no terceiro, respectivamente, 32 e 45 capítulos, da segunda estrofe. A respeito da *Noite Escura*, observa-se o seguinte plano: no primeiro livro, 14 capítulos examinam a primeira estrofe; no segundo, 25 capítulos refazem a análise desta com o acréscimo da segunda e terceira estrofes. Os capítulos da *Subida* e da *Noite* perfilam-se em função da *noite escura* e de seus graus de profundidade, sendo ela, à vista disso, de maior relevo em seu sistema doutrinal e o mais fecundo símbolo joãocruciano (Cf. RUIZ SALVADOR, 1985, p. 79; MOREL, 1961, v. III, pp. 159-174).

A ligação do poema com seus comentários não é tão simples quanto parece à primeira vista (Cf. BARUZI, 1931, pp. 298-367; MOREL, 1960, v. I. pp. 206-219; v. III, pp. 29-56; RUIZ SALVADOR, 1968, pp. 99-128; URBINA, 1956, pp. 18-19). Os comentários exploram conceitualmente o rico simbolismo do poema. Ora, a poesia goza de uma exclusiva força de comunicação por refletir diretamente a experiência vivida, superior à dos conceitos. A linguagem descritivo-conceitual é um empobrecimento da expressão poético-simbólica. O recurso didático das alegorias empregado nos comentários isolou e reduziu

ainda mais o valor dos símbolos poéticos.<sup>3</sup> É o que se percebe com a lexicalização de “matrimônio espiritual” (Cf. HARO, 1990, p. 69; LUCIEN-MARIE, 1968, pp. 77-101; MOURA, 1991, pp. 142-148). Labourdette avalia os textos poéticos como preponderantes em relação aos comentários porque revelam a lógica da experiência mística, pois a linguagem poética seria a que melhor simboliza “uma realidade sobrenatural inexprimível” (Cf. LABOURDETTE, 1947, p. 7). Seja como for, não se deveria privilegiar o didático sobre o poético (Cf. NARCISSE, 1992, p. 377).

O programa inicial da *Subida* complicou-se já nas primeiras páginas. A este propósito são dignos de nota o subtítulo e o argumento da obra, em que se vislumbram seus temas, suas intenções e seu desenvolvimento, concebendo-a como tratado, mas não como comentário.

A epígrafe geral anuncia uma temática que superaria a letra do poema pela amplitude concedida ao símbolo “noite”: “Em que canta a alma a ditosa ventura que teve em passar pela **noite escura da fé**, em sua desnudez e purificação, à união do amado” (S arg, grifo no original). Não se extrai da poesia, entretanto, o anunciado na epígrafe, que encabeça e aponta, isto sim, o percurso a ser trilhado, compromisso que obrigou nosso autor a desviar-se irremediavelmente do núcleo poético: o prioritário será “tratar” (1S 1, 2) uma doutrina; o secundário, “declarar” (S pról, 1) ou comentar a poesia.

A poesia obstaculizaria a elaboração do esquema doutrinal caso não fosse tão-somente uma orientação global de seu conteúdo. A fim de diminuir a distância entre o tratado teológico-ascético anunciado e o conteúdo simbólico dos versos, João da Cruz forçará intencionalmente o sentido genuíno da *Subida*. Nela, limitou-se a examinar a primeira estrofe, no começo e no fim do primeiro livro, e, em traços amplos, sem detalhes, a segunda estrofe no início do segundo livro. Isso o obrigará a empreender o verdadeiro comentário à poesia em sua obra também intitulada de *Noite Escura*.

<sup>3</sup> Baruzi (1931, pp. 305-329) diferencia o símbolo da alegoria; Morel acompanha Baruzi e discorda de Crisógono (Cf. MOREL 1961, v. II, pp. 245, 261, 277, 295; TILLETTE, 1961, p. 352). O símbolo é uma intuição profunda, simples e universal: intuição profunda da realidade natural, pois percebe os nexos que entrelaçam suas várias manifestações, descobrindo seu sentido transcendente; simples, porque emana e irradia imagens em todas as direções, recolhendo a força e a necessidade da intuição; por fim, universal, ao englobar a totalidade do ser e sua significação numa determinada perspectiva (Cf. GUERRA, 1990, p. 442).

As explanações da poesia são diferentes em cada obra joão-cruciana. Na *Noite*, em lugar do título-epígrafe como na *Subida*, há um título genérico (similar ao do *Cântico* e da *Chama*) e assaz longo:

Declaração das canções do modo que tem a alma no caminho espiritual para chegar à perfeita união de amor com Deus, na medida em que é possível nesta vida. Diz-se também as propriedades que tem em si de quem chegou à dita perfeição, segundo estão contidas nas mesmas canções. (Noite Escura –Prólogo)<sup>4</sup>

João da Cruz esclarece a proposta da *Noite*: “declarar” um traço decisivo do caminho espiritual que leva à união com Deus, nada mais nada menos que comentar os versos do poema.

Logo, na *Noite*, João da Cruz se propôs a escrever um comentário e não um tratado. Embora sofresse flutuações similares às da *Subida*, não fracassou em seu objetivo como nesta, ainda que também tenha longas exposições: no primeiro livro, na declaração da primeira estrofe (2-7); no segundo, ao longo de sua análise do v. 1 (5-10); na anterior ao v. 3 da primeira estrofe (12-13); na que vem antes do v. 3 da segunda estrofe (19-20).

Na *Subida*, quiçá pela pressão exercida por seu caráter sistemático, rompeu-se a ligação entre o comentário e o poema, constituindo-se num tratado de vida espiritual (Cf. RUIZ SALVADOR, 1968, p. 46). É o que se enunciará nas páginas seguintes.

Ao encetar a *Subida*, ignorando sua subdivisão numa nova obra, a *Noite Escura*, elabora, pouco a pouco, uma arquitetura conceitual que incorpora e organiza novos elementos passo a passo, conforme a elaboração do texto, adaptando o plano externo da obra, com suas divisões, às sucessivas exigências impostas pelos conteúdos acrescentados ao texto.

Isso levará nosso autor a propor divisões gerais da obra diversas daquelas verificadas no texto final. Ao acompanhar a sequência de versos das duas primeiras estrofes (da terceira, tece uma introdução geral), em parte, deixa de lado o plano elaborado lentamente ao longo da *Subida*, aludindo brevemente a ele apenas no final da *Noite*, quando a remete ao seu prólogo, na *Subida* (2N 22, 2).

4 Conforme Domingo de Fafán, em 4 de maio de 1626, ao delatar os escritos de João da Cruz à Inquisição, o título oficial seria outro: *Obras espirituais que encaminham uma alma à perfeita união com Deus, pelo Pe. Fr. João da Cruz* (Cf. RUIZ SALVADOR, 1985, p. 82).

No argumento da *Subida* consta seu objetivo: expor o caminho que a alma percorre a fim de chegar ao “alto estado da perfeição que aqui chamamos de união da alma com Deus”, representado pela expressão *noite escura*. A *Subida* seria a declaração ou o comentário da estrofe iniciada pelo verso *Numa noite escura*, com dois temas fundamentais:

(...) toda a doutrina que entendo tratar nesta Subida do Monte Carmelo está incluída nas seguintes canções; e, nelas, se contém o modo de subir até o cume do monte, que é o alto estado da perfeição que aqui chamamos de união da alma com Deus. E porque tenho de ir fundamentando sobre elas o que disser, quis colocá-las juntas aqui, para que se entenda e veja juntamente toda a substância do que se tem de escrever; ainda que no momento da declaração convirá pôr cada canção por si mesma, e nem mais nem menos os versos de cada uma, segundo o exigir a matéria e declaração. Diz, pois, assim: Canções. Em que canta a alma a ditosa ventura que teve em passar pela noite escura da fé, em sua desnudez e purificação, à união do Amado (1S arg).

Na *Subida do Monte Carmelo*, a alma passa pela “noite escura para subir” até ao “cume do monte” e unir-se com Deus, englobando, num único plano, a *Noite Escura* e a *Subida do Monte Carmelo*; no entanto, outros temas desembocaram numa alteração do projeto inicial.

Num *primeiro* momento (1S 1, 2-3), antes de entrar na apresentação detalhada da noite, distinguem-se suas diversas divisões,<sup>5</sup> prescrevendo os lugares da obra onde cada uma seria tratada em separado. Rumo à união, cabe à alma transpor as duas principais formas de noite:

A primeira noite ou purificação é da parte sensível da alma, da qual se trata na presente canção, e se tratará na primeira parte deste livro; a segunda é da parte espiritual, da qual fala a segunda canção que se segue e desta também trataremos na segunda e terceira parte, quanto ao ativo; porque quanto ao passivo será na quarta (1S 1, 2).

5 João da Cruz nem sempre emprega a mesma terminologia para designar as diversas partes de sua obra. Ele as chama, indistintamente, de “partes” ou “livros”; em 1S 13,1, diz que *da noite passiva, trataremos no quarto livro*; percebe-se, ainda, que nosso autor chame de *noite* não só o caminho espiritual como um todo mas cada parte dele (Cf. AMUNARRIZ, 1991, p. 78).



A divisão geral da *Subida* seria a seguinte conforme esta citação: noite ativa do sentido, *primeira* parte; noite ativa do espírito, *segunda* e *terceira* partes; noite passiva, do sentido e do espírito, *quarta*. Por conseguinte, os comentários da *Noite* dão prosseguimento ao tema proposto no início, quanto às noites passivas. Ressalte-se, ainda, que João da Cruz, mesmo não repartindo a *Noite* em dois livros,<sup>6</sup> é autor da subdivisão da noite da contemplação tanto em suas dimensões, sensível e espiritual, quanto nos aspectos ativo e passivo (Cf. BOUILLARD, 1962, p. 488; DAMIÁN GAITÁN, 1991, p. 754).

A *noite* aconteceria em dois momentos fundamentais: no **primeiro**, mediante a mortificação da “parte sensível da alma (parte inferior)”; no **segundo**, através da “parte espiritual (parte superior)”, que tange aos atos do entendimento, da vontade e da memória. Etapas chamadas, respectivamente, de “noite do sentido” e de “noite do espírito”, manifestando-se ativa por causa da participação humana e, passivamente, devido à exclusividade da ação amorosa de Deus.

Num **segundo** momento (1S 2, 1.5), fala-se do triplo motivo da noite: pela necessidade de se negar o apetite e seus apegos, a noite do sentido; pelo meio como irá, a fé, a noite do entendimento; pelo fim do caminho espiritual, Deus.

O **terceiro** momento (1S 13, 1) prevê o desenvolvimento da noite em quatro livros: a noite ativa do sentido, no primeiro; a noite ativa do espírito, no segundo e terceiro livros; a noite passiva do sentido e do espírito, no quarto; assinala-se, aqui, o acréscimo à primeira divisão da noite passiva do sentido.

Um **quarto** momento (2S 2, 1-3) retorna a uma explicação tripartite: a **primeira** parte da noite é a noite do sentido; a **segunda**, a noite do espírito; a **terceira**, a contemplação. Com essa divisão, delinea-se um plano em três livros: a noite do sentido e a do espírito; por fim, a noite passiva: “do passivo, que é o que Deus faz (à alma) sem ela para metê-la na noite, isso o diremos em seu lugar, que entendo será o terceiro livro” (2S 2, 3).

6 Contra os manuscritos, a *Edição Príncipe* dividiu a *Noite* em dois livros; os dados desta edição são os seguintes: *Obras espirituales que encaminan a una alma a la perfecta unión com Dios. Por el Venerable P. Fr. Juan de la Cruz... Con una resunta de la vida del Autor, y unos discursos por el P. F. Diego de Jesús, Carmelita descalzo, Prior del convento de Toledo... Impreso en Alcalá por la viuda de Andrés Sanches Ezpeleta. Anno MDCXVIII*. Amunarriz (1991, p. 64, n. 14) aponta os muitíssimos defeitos desta edição.



Num **quinto** e último momento da *Subida* (2S 4, 8; 2S 6), analisa-se a purificação das três potências pelas três virtudes teologais na noite ativa do espírito. Sugere, então, uma divisão em **três** livros: noite ativa do sentido no **primeiro**; ativa do espírito no **segundo**, sobre o entendimento purificado pela fé; no **terceiro**, onde se apresenta a memória e a vontade purificadas, respectivamente, pela esperança e pela caridade.

A divisão da *Subida* aponta o caminho que a alma precisa percorrer para unir-se e se transformar em Deus; eis a principal razão de a alma ter de purificar-se:

os divinos efeitos que produz na alma, essa que é (a união perfeita), da parte do entendimento, como da memória e vontade, não falaremos nesta **Noite** de purificação **ativa**, porque apenas com esta não se consuma a divina união; mas falaremos deles na passiva, mediante a qual acontece o encontro da alma com Deus (S 2, 14, grifo nosso).<sup>7</sup>

A divisão definitiva da *Subida* é de somente **três** livros, o último incompleto. Admitindo-se a correspondência das **primeira, segunda e terceira** partes com o **primeiro, segundo e terceiro** livros mencionados em 1S 1, 2, há, então, o seguinte esquema: noite ativa do sentido, no **primeiro** livro da *Subida*; noite ativa do espírito, nos livros **segundo e terceiro** da *Subida*. Pairam no ar, portanto, algumas perguntas: Onde, pois, está a **quarta** parte da *Subida do Monte Carmelo*, em que se prometeu tratar da noite passiva? Seriam a *Subida* e a *Noite* a subdivisão de uma mesma obra?

A *Noite* remete a assuntos que, apesar do projeto de tratá-los na *Subida*, apenas nessa obra serão aprofundados. Vários textos da *Subida* confirmam isso (1S 1, 2; 2S 2, 3; 2S 18, 4; 3S 2, 13-14; 3S 33, 5). Vejamos um exemplo: da noite passiva do sentido “trataremos no **quarto** livro, quando teremos de tratar dos

7 Urbina enuncia um “aprofundamento progressivo” na purificação da alma: primeiro, os apetites externos; posteriormente, as potências; por último, a substância da alma. As principais etapas desse aprofundamento, conforme a *Subida* e a *Noite*, seriam: “1) Uma purificação dos sentidos, ou **noite do sentido**, que é a matéria do primeiro livro da *Subida*. 2) Uma purificação do espírito: entendimento, memória e vontade ou **noite do espírito**; fala-se dela nos livros segundo e terceiro da *Subida*. 3) O princípio da contemplação purificadora, que chama de **noite sensitiva ou noite do sentido**, que constitui o primeiro livro da *Noite*. 4) Uma contemplação purificadora mais profunda, que chama de **noite espiritual ou do espírito**, que é estudada no segundo livro da *Noite* (URBINA 1956, pp. 162-163; grifo no original).

principiantes. E porque ali teremos, com o favor divino, de dar muitos avisos aos principiantes segundo as muitas imperfeições que acontecem ter neste caminho” (1S 13, 1, grifo nosso); alude aqui à 1N 1-7. Esses sete primeiros capítulos da *Noite* dão a impressão de pré-fabricados, pois formam um bloco definido, um verdadeiro tratado autônomo que vinha reclamando um lugar para colocá-lo depois de escrito. Descreve a pobre impressão de uma alma quando deixada à sua sorte antes de entrar nas noites passivas, ocasionando a necessidade delas. Apenas no término do catálogo dos sete vícios capitais, nesses capítulos, é que começa, de fato, o comentário da primeira canção.

A divisão das partes e dos capítulos da *Subida* emana da trilogia – virtudes-teologais-potências. A fé, no segundo livro, purifica o entendimento; enquanto a vontade e a memória, no terceiro, são purificadas, respectivamente, pela esperança e pela caridade; posto que em 2S 6, 8 aluda a uma outra divisão: “com os principiantes mais minuciosamente falarei no segundo livro, com o auxílio de Deus, quando tratar das propriedades que lhes são peculiares” (reportando-se ao primeiro livro da *Noite*), indicando uma divisão em dois livros; o primeiro em torno da noite ativa, e o segundo, da passiva. Depara-se com outro exemplo em 2S 11,7, quando volta a pensar em três livros que, no entanto, não se estabelecem pela divisão das virtudes teologais, que efetivamente vigorou na *Subida*: “Da qual trataremos depois, mediante o favor divino, no terceiro livro, no capítulo da gula espiritual”, que diz respeito a 1N 6.

Acrescente-se ainda a leitura de 2N 22, 2: “pelo que eu principalmente me coloquei nisto, que foi por declarar esta noite a muitas almas que, passando por ela, estavam dela ignorantes – como no prólogo se disse”. O prólogo da *Subida* diz isso, mas em vão se buscaria na *Noite*. Por conseguinte, o prólogo da *Noite Escura* é o da *Subida do Monte Carmelo*. A *Noite* é citada como pertencente à *Subida*; também na *Chama Viva de Amor*, onde se esclarece que o tema da noite passiva não foi exposto nela “porque o tratamos na *Noite Escura da Subida do Monte Carmelo*” (ChB 1, 25).

O ativo e o passivo da noite, no plano inicial da *Subida*, constariam numa única obra, mas foram expostos distintamente em duas obras. Supondo esse projeto comum, previsto no início da *Subida* e do qual então se afastou, é que se delinea o plano geral da *Noite*.

Não obstante pautar-se pelas três primeiras canções do poema que deram suporte à *Subida*, a *Noite* diferenciou-se desta por interpretá-las com ênfase nas purificações passivas da alma: no primeiro livro, quanto à noite do sentido; no segundo, à do espírito; como na *Subida*, interrompendo-a abruptamente no primeiro verso da terceira estrofe.

Portanto há unidade entre a *Subida* e a *Noite* no que tange ao itinerário espiritual, visto que a alma se desenvolve por meio de duas fases ou elementos de um único caminho: a noite ativa, que a dispõe, e a noite passiva, aperfeiçoando-a; isso, porém, não enuncia um planejamento simplista da *Subida-Noite* em duas partes e noites consoante o tipo de purificação, ativa na *Subida* e passiva na *Noite* (Cf. URBINA, 1956, pp. 145-160).

A noite passiva do sentido (1N) não é simplesmente o complemento passivo da ativa do sentido (1S), a despeito de a *Noite* explicitar melhor que na *Subida* o caráter passivo e a influência divina na alma. No rigor dos termos, o primeiro livro da *Noite*, cuja redação é anterior aos livros 2 e 3 da *Subida* (Cf. RUIZ SALVADOR, 1995, p. 51), aborda a mesma temática destes; tais capítulos, por sua vez, não abordam unicamente a noite ativa do espírito, haja vista o cunho contemplativo e místico presente, eivado da passividade e da influência divina (Cf. URBINA, 1956, pp. 161-172).

O que talvez justifique a separação editorial entre a *Subida* e a *Noite* seja a estrutura lógica da primeira, que não admitia facilmente a discussão da noite passiva do sentido; logo, caso tal temática fosse ali colocada, forçosamente ficaria numa posição subalterna à noite ativa do sentido. Seja como for, é provável que apenas depois, ao discorrer sobre a noite ativa do espírito (2S 10), João da Cruz se deu conta da lacuna de ainda não tê-la abordado, o que fez, depois, ao analisar a passagem da meditação à contemplação (2S 12-15), perspectiva que se apresenta na noite passiva do sentido no primeiro livro da *Noite* – basta comparar 2S 13 e 1N 9 –; no entanto, reitera-se que seu “lugar natural” deveria ser o primeiro livro da *Subida* (Cf. AMUNARRIZ, 1991, p. 122, n. 14).

Como se vê, a relação entre as obras é, portanto, complexa (Cf. AMUNARRIZ, 1991, p. 42).<sup>8</sup> A ponto de legitimar a alteração editorial no que diz respeito à sequência tradicional de suas partes ou livros. Assim, se o ativo e o passivo das noites forem simultâneos entre si – noite ativo-passiva do sentido; depois, noite ativo-passiva do espírito –, a leitura dos livros da *Subida* e da *Noite* implicaria, para que houvesse coerência, na seguinte sequência: o *primeiro* livro da *Subida* e o *primeiro* livro da *Noite* e, em seguida, conjuntamente, os livros *segundo* e *terceiro* da *Subida* e o *segundo* livro da *Noite*. Caso, porém, o ativo e o passivo sejam momentos sucessivos da noite: noite ativa do sentido-noite ativa do espírito-noite passiva do sentido-noite passiva do espírito. Os livros seriam lidos e editados alternada e tradicionalmente.<sup>9</sup>

Seja como for, a *Noite* redigiu-se separadamente da *Subida*, em que pese sua concepção se dar inicialmente como se fosse uma extensão desta. Logo, ao menos redacional e editorialmente, a *Noite* se justifica como obra distinta.<sup>10</sup> Essa divisão não pretende desconsiderar a existência de um todo orgânico com uma unidade teórica entre ambas as obras, visto que a reflexão necessita espelhar a alma na totalidade de sua vivência, sofrendo a noite nas duas dimensões de seu ser.

À guisa de conclusão, seria relevante levantar algumas questões: será que essa divisão acabou quebrando esquemas e intenções preconcebidos, em específico à contemplação? Noutras palavras: será que João da Cruz planejou abordá-la numa amplitude maior que a efetivamente encontrada em seus escritos, ou estes é que se tornaram mais amplos que o projeto inicial? Para responder tais questões, contudo, seria conveniente uma ulterior análise do segundo livro da *Noite*, onde melhor se abordou o tema da contemplação, comparando o resultado alcançado com a proposta da *Subida*; isso propiciaria, a nosso ver, tanto uma compreensão global da contemplação quanto conferir se houve, ou não, a ampliação de seu projeto inicial (Cf. URBINA, 1956, pp. 19 e 254).

8 Morel (1960, v.1, pp. 163-170) as concebe como partes de uma única obra. Ruiz Salvador (1968, pp. 194-199) guarda um equilíbrio, pois se fixa em sua unidade temática estrutural, mas sem esquecer as perspectivas diferentes de cada uma.

9 Bouillard concorda com a perspectiva ontológica de Morel de que a atividade e a passividade são dois elementos de uma mesma experiência; contudo, discorda da perspectiva cronológica dele – de que a noite ativa precede a noite passiva – pois ambos os aspectos formariam uma única noite da contemplação (Cf. MOREL, 1961, v. II, p. 93 e v. III, p. 86; BOUILLARD, 1962, pp. 488-489).

10 estudo de Juan de J. M. (JUAN DE JESUS MARIA, 1943, pp. 25-83) propõe um plano para uni-las. Lucinio Ruano, na 2ª e 3ª edições das *Obras completas*, chegou a editá-las juntas; nas edições posteriores, voltou a publicá-las separadamente, ainda que permanecesse sob igual ponto de vista hermenêutico.

## Referências

- AMUNARRIZ, Antxon. *Dios en la noche. Lectura de la Noche Oscura de San Juan de la Cruz*. Collegio S. Lorenzo da Brindisi, Roma, 1991.
- BARUZI, J. *Saint Jean de la Croix et le problème de l'expérience mystique*. Paris: Alcan, 1931, 2 ed. (trad. esp.: *San Juan de la Cruz y el problema de la experiencia mística*. Junta de Castilla y León, Valladolid, 1991).
- BOUILLARD, H. "La 'sagesse mystique' selon Saint Jean de la Croix". In: *Recherches de Science Religieuse* L (1962), pp. 481-529.
- CRISÓGONO DE JESÚS SACRAMENTADO. *Vida de San Juan de la Cruz*. Madrid: BAC, 1982.
- DAMIÁN GAITÁN, J. "Vida y muerte en la *Noche Oscura* de San Juan de la Cruz". In: VV.AA. *Juan de la Cruz, espíritu de llama. Estudios com ocasión del cuarto centenario de su muerte (1591-1991)*. Kok Pharos Publishing House/Institutum Carmelitanum, Kampen/Roma 1991, pp. 745-760.
- GUERRA, A. "Noche de San Juan de la Cruz". In: *Teresianum* 41 (1990/II), pp. 439-472.
- HARO, M. F. de. "La noche del sufrimiento – Interpretación simbólica de la vida y sus crisis segun San Juan de la Cruz". In: *San Juan de la Cruz* 6 (1990), pp. 61-77.
- JUAN DE JESUS MARIA. "El díptico Subida-Noche". In: VV.AA. *Sanjuanística*. Roma: Studia, 1943, pp. 25-83.
- JUAN DE LA CRUZ, S. *Obras Completas*. Madrid: BAC, 1982 (editada por Lucinio Ruano).
- LABOURDETTE, M.-M. *La foi théologique et la connaissance mystique d'après saint Jean de la Croix*. Revue Thomiste, Saint-Maximin (Var) 1947.
- LUCIEN-MARIE DE S. JOSEPH. *L'expérience de Dieu. Actualité du message de saint Jean de la Croix*. Paris: Cerf, 1968.
- MACHNIAK, J. *La struttura e la funzione del simbolo della notte nella dottrina mistica di S. Giovanni della Croce - carica affettiva*. Dissertatio ad doctoratum in Facultate S. Theologiae apud Pontificiam Universitatem S. Thomae de Urbe, Roma, 1990.
- MOREL, G. *Le sens de l'existence selon saint Jean de la Croix*. Paris: Aubier, 1960/1961, 3 vols.
- MOURA, O. S. *João da Cruz, O Mestre do Amor*. São Paulo: G.R.D., 1991.
- NARCISSE, G. "Le Père Labourdette lecteur de saint Jean de la Croix". In: *Revue Thomiste* XCII (1992), pp. 373-387.

RUIZ SALVADOR, F. “El símbolo de la noche oscura”. In: *Rev. de Esp.* 44 (1985), pp. 79-110.

\_\_\_\_\_. *Introducción a san Juan de la Cruz. El escritor, los escritos, el sistema.* Madrid: La Editorial Católica, 1968.

\_\_\_\_\_. *Místico e Mestre São João da Cruz.* Petrópolis: Vozes, 1995.

TILLIETTE, X. “Mystique et Métaphysique”. In: *Revue de Métaphysique et de Morale* 3 (1961), pp. 345-360.

URBINA, F. *La persona humana en san Juan de la Cruz.* Madrid: Instituto Social León XIII, 1956.

*Recebido em novembro de 2008.*

*Aprovado em fevereiro de 2009.*